

Pedofilia

Palestra alerta sobre perigo de crimes virtuais contra jovens

A Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol) estima que a pedofilia é um dos crimes mais rentáveis do mundo, com um movimento anual de US\$ 20 bilhões. E um dos principais caminhos que levam à exploração sexual de crianças e adolescentes é a internet. Ontem, a Secretaria Municipal de Educação, em parceria com o Comitê Interinstitucional de Prevenção e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (Cipetp), promoveu a palestra *Internet Segura*, voltada à orientação

de educadores da rede municipal. "Como na vida, existem lugares que são perigosos e que não devem ser frequentados por crianças, no mundo virtual, alguns endereços da internet também não podem ser acessados por eles", compara o delegado da Polícia Federal em Campinas, Jessé Coelho de Almeida, palestrante do evento. A orientação e monitoramento dos pais é apontada como uma das principais formas de prevenir que os jovens sejam alvos de crimes pela internet

e, para isso, precisam aprender a usar a ferramenta. "Isso não é invasão de privacidade. Até os 18 anos, os pais têm o dever de fiscalizar e não podem ficar constrangidos", adverte a advogada Vera Kaiser Sanches Kerr, presidente do Comitê de Direitos Cibernéticos da OAB-Campinas. "A internet não pode ser considerada um mal. O problema é a natureza humana. Quem faz a internet ser boa ou ruim é o usuário", disse Vera. (Da Agência Anhanguera)

Veja mais no portal RAC

Video de palestra sobre segurança na rede

www.rac.com.br



SAIBA MAIS

Algumas medidas contribuem para aumentar a segurança no mundo virtual, como não divulgar informações pessoais na rede ou marcar encontros com amigos virtuais, além de não clicar em links suspeitos. Os pais devem manter o computador em um lugar da casa em que haja circulação de pessoas.

TENDÊNCIA III REVERSÃO

Campinas tem o menor número de migrantes desde o boom de 70

Ao mesmo tempo que perde população para a região, cidade atrai mão de obra qualificada

Maria Teresa Costa
DA AGÊNCIA ANHANGUEIRA
teresita@rac.com.br

Campinas alterou radicalmente seu poder de atração de fluxos migratórios, revertendo a posição que ocupava nos anos 70, quando a cidade recebeu uma quantidade muito grande de pessoas em busca de trabalho, especialmente de Minas Gerais, Paraná e estados do Nordeste. Levantamento divulgado ontem pela Fundação Seade mostra que, de cada mil habitantes, apenas 2,87 vieram de outros municípios entre 2000 e 2010, a menor proporção de migrantes na Região Metropolitana de Campinas (RMC). Entre a década passada e a década de 90, a redução de migração pa-

Baeninger é fundamentada. "Os investimentos internacionais são importante fator de atração de mão de obra especializada e acreditado que eles terão, nos próximos anos, importante papel na mudança do perfil migratório de Campinas", afirmou.

Engenheiro eletrônico, Luiz Cláudio Gaspar morou em Santo André, na Região Metropolitana de São Paulo até 2002. As oportunidades de trabalho que começaram a surgir na RMC chamaram sua atenção e ele acabou se mudando para Campinas quando começou a trabalhar em uma empresa de telefonia celular de Jaguariúna. "Acabei recebendo uma proposta interessante em Campinas, mudei de empresa e continuei morando na cidade", contou. Campinas disse, é uma cidade de oportunidades para quem tem formação.

O agente de viagem Alquili Barbosa, de 27 anos, mudou-se para Campinas há oito meses em busca de qualidade de vida e para aproveitar as oportunidades que a região oferece. Ele deixou São Paulo e planeja permanecer na cidade. "É um região de grande crescimento econômico, tem uma área comercial interessante, muitas indústrias importantes", afirmou.

O estudante Armando Sagula Neto saiu de Jaboticabal para cursar jornalismo em Campinas e pretende ficar na cidade quando se formar, ou então mudar-se para Curitiba (PR). "São duas cidades de oportunidades, de qualidade de vida e é isso que me atrai", afirmou.

O refluxo da migração para Campinas começou nos anos 80, quando a cidade teve uma queda de 83% na recepção de pessoas — de 188,5 mil nos anos 70, caiu para 31,9 mil na década. Nos anos 90, a queda continuou abrupta e a cidade recebeu 3.169 pessoas. Na última década, reduziu para 2.941.

O que está ocorrendo com Campinas, disse o sociólogo Paulo Henrique Cortez, é típico do fenômeno metropolitano, onde as cidades do entorno passam a ser mais atrativas para morar do que a sede da região. Preço de terrenos mais baratos, facilidade de viver em uma cidade e trabalhar e estudar em outra acabam atraindo a migração para cidades menores, mas que estão bastante próximas de Campinas, afirmou. Ele acredita que a hipótese de Rosana

Redução entre a década passada e os anos 90 foi de 18%

ra Campinas foi de 18%, mas mesmo assim, em média, 2.941 pessoas chegaram anualmente a cidade na última década. Nos anos 70, chegaram 188,5 mil pessoas.

Os atuais migrantes estão vindo da Região Metropolitana de São Paulo e de países europeus e asiáticos, que fazem investimentos na região, segundo hipótese da demógrafa Rosana Baeninger, do Núcleo de Estudos da População (Nepo) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Rosana está pesquisando os fluxos migratórios na RMC e os primeiros levantamentos estão mostrando uma nova tendência para



Movimento no calçadão da Rua 13 de Maio, no Centro de Campinas: mudança no perfil de migração

Paulínia recebeu o maior fluxo da RMC

A taxa de migração na RMC teve uma redução de 27% entre 1991 e 2010, mas apesar desse decréscimo, aparece como a mais importante em termos de atração populacional em relação às outras duas áreas metropolitanas do Estado, Santos e São Paulo. Entre 1991 e 2000, de cada mil habitantes, 12,63 vieram de outras cidades e, de 2000 a 2010, de cada mil, 9,21 eram "estrangeiros". As cidades que mais atraíram habitantes na década passada foram Paulínia, Engenheiro Coelho e Holambra. Já Santa Bárbara d'Oeste teve taxa anual de migração negativa de 1,71, o que significa que teve mais migrantes saindo que chegando naquela cidade. Paulínia é a cidade de maior atração de migrantes e o motivo, segundo hipótese do economista Pedro Schmidt, está nas oportunidades de trabalho que o polo

petroquímico oferece. "A cidade está investindo em parques tecnológicos e devemos ter, em breve, um perfil bastante interessante de migração, formado essencialmente por pessoas com formação superior, com mão de obra qualificada", afirmou. A RMC, segundo a Fundação Seade, segue o observado para o Estado de São Paulo no que diz respeito à redução no ritmo de migração a partir dos anos 80. Naquela década, sua taxa anual de migração foi de 16,3 migrantes por mil habitantes, bem inferior à registrada na década de 70 (43,5 migrantes ao ano por mil). Entre 1991 e 2000, persistiu a tendência de desaceleração da migração e a região passou a registrar a taxa anual de 12,6 migrantes por mil habitantes. No entanto, diferentemente das duas outras áreas metropolitanas, em seu

município sede, as taxas permaneceram positivas e praticamente estabilizadas, em torno de 3,5 migrantes ao ano por mil habitantes nesse período. Na década de 2000, a taxa de migração da RMC apresentou nova retração, mas ainda se manteve no patamar de 9,2 migrantes ao ano por mil habitantes. Diante da relativa estabilidade desse indicador para Campinas (2,9 migrantes ao ano por mil habitantes), essa diminuição refletiu a redução na intensidade migratória dos outros municípios do região. Entretanto, esse menor ritmo de expansão não impediu que a taxa anual de migração para esses municípios se mantivesse em 13,4 migrantes por mil habitantes, a mais elevada entre todos os domínios geográficos analisados e, certamente, entre as maiores do Estado de São Paulo, na última década. (MTC/AAN)

MOVIMENTO MIGRATÓRIO Fluxo de migrantes na Região Metropolitana de Campinas

Municípios	Saldos migratórios anuais		Taxas anuais de migração (por mil habitantes)	
	1991/2000	2000/2010	1991/2000	2000/2010
RMC	26.433	23.632	12,63	9,21
Americana	1.143	1.417	6,95	7,21
Artur Nogueira	1.123	4.217	42,34	18,74
Campinas	3.169	2.941	3,50	2,87
Cosmópolis	545	939	13,88	18,22
Engenheiro Coelho	224	420	26,34	32,65
Holambra	60	280	9,35	30,26
Hortolândia	5.558	2.165	47,09	12,59
Indaiatuba	3.341	3.806	27,11	21,85
Itaúba	1.327	1.308	18,38	18,34
Jaguariúna	319	1.077	12,05	29,16
Monte Mor	781	666	24,99	15,47
Nova Odessa	401	542	10,57	11,62
Paulínia	948	2.251	21,68	33,77
Pedreira	516	362	16,43	9,44
Santa Bárbara d'Oeste	956	-300	6,09	-1,71
Santo Antonio de Posse	327	88	20,76	4,55
Sumaré	3.797	2.096	22,68	9,58
Valinhos	1.895	1.701	11,90	17,93
Vinhedo	1.017	1.150	25,29	20,77

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade)